



Catedral Presbiteriana do Rio
Escola Bíblica Dominical

Série
COMENTÁRIO EXPOSITIVO

“

VAMOS AOS

ROMANOS COM PAULO”

Uma exposição de versículo a versículo ensinando os dogmas, a fé, a doutrina, o que devemos crer, como devemos crer nos princípios da fé cristã.



ANTÔNIO JOSÉ DO
NASCIMENTO FILHO

Direção:

Maurício Buraseska

Autor da Lição:

Antônio José do Nascimento

Diagramação e Capa:

Raul Vargas Filho

Série
COMENTÁRIO EXPOSITIVO

“

VAMOS AOS

ROMANOS COM PAULO”

Uma exposição de versículo a versículo ensinando os dogmas, a fé, a doutrina, o que devemos crer, como devemos crer nos princípios da fé cristã.



I V

CAPÍTULO QUATRO

A FÉ QUE TOMA A DEUS PELA PALAVRA

No início do capítulo, em **Romanos 4:1-8**, Paulo se vê motivado a falar de Abraão por três razões.

(1) Os judeus tinham a Abraão como o grande fundador da raça, e como o modelo de tudo o que um homem devia ser. Muito naturalmente o judeu devia perguntar: "Se tudo o que você diz é certo, qual foi o atributo especial que foi dado a Abraão quando Deus o escolheu para ser o antecessor de seu povo escolhido. No que estriba a especial posição de Abraão? O que o faz diferente de outra gente?" Esta é a pergunta que Paulo vai responder.

(2) Paulo justamente esteve tentando provar que o que faz a um homem justo com Deus não é a execução das obras que prescreve a Lei, mas a simples confiança que toma a Deus pela palavra, e que crê que Deus ainda nos ama quando não temos nada para merecer esse amor. A imediata reação do judeu era: "Isto é algo completamente novo. Isto contradiz tudo o que fomos ensinados a crer. É uma doutrina completamente incrível e jamais ouvida." A resposta de Paulo é: "Longe de ser nova, esta doutrina é tão velha como a fé judia. Longe de ser uma novidade herética, este ensino é a própria base da religião judia." Isto é o que Paulo vai provar.



(3) Paulo começa a falar a respeito de Abraão, porque era um sábio mestre que conhecia a mentalidade humana e a forma em que ela funciona. Ele esteve falando a respeito da fé. Agora, fé é um substantivo abstrato e uma ideia abstrata. A mente humana comum encontra que as ideias abstratas são muito difíceis de captar e de entender. O mestre sábio sabe que cada palavra deve transformar-se, encarnar-se, cada ideia deve converter-se em uma pessoa, que a única forma em que uma pessoa comum pode captar uma ideia abstrata é ver essa ideia em ação e vê-la encarnada em uma pessoa. Assim, pois, Paulo, com efeito, diz: "Estive falando sobre a fé. Se querem ver o que é a fé, olhem para Abraão." Paulo se aproxima de Abraão para fazer seus leitores verem a ideia abstrata da fé em ação concreta, para que eles possam realmente captar o que ele entende por fé. **Quando Paulo começou a falar a respeito de Abraão entrou em um terreno que todo judeu conhecia e entendia. Nos pensamentos dos judeus Abraão ocupava uma posição única. Ele era o fundador da nação. Ele era o homem a quem Deus falou pela primeira vez. Ele era o homem que foi escolhido por Deus em uma forma única e que tinha ouvido e obedecido a Deus.** Os rabinos tinham suas próprias discussões sobre Abraão. Para Paulo a essência da grandeza de Abraão era essa. Deus tinha vindo a Abraão e lhe ordenou que deixasse seu lar e seus amigos, seus parentes e seus meios de vida, e lhe disse: "Se fizer esta grande aventura de fé, Eu transformarei você no pai de uma grande nação e de um grande povo." Dali em adiante Abraão tinha tomado a Deus pela palavra. Não discutiu; não duvidou; saiu sem saber aonde ia (**Hebreus 11:8**); confiou em Deus completamente e sem discutir o tomou pela palavra. Não foi o fato de Abraão ter executado meticulosamente as demandas da Lei o que o pôs em tão especial relação com Deus; foi sua completa fé em Deus, sua completa aceitação de Deus, sua completa disposição para abandonar sua vida nas mãos de Deus. Isto era para Paulo a fé, e foi esta fé de Abraão a que fez com que Deus o reconhecesse como um homem bom.

Agora, uns poucos, pouquíssimos dos rabinos mais avançados criam nisto. Um comentário rabínico dizia: "Abraão, nosso pai, herdou este mundo e o mundo por vir somente pelo mérito da fé pela que creu em Deus: porque está escrito: 'E creu no Senhor e foi contado por justiça'." Mas a grande maioria dos rabinos transformavam a história de Abraão para que servisse a suas próprias crenças. Sustentavam que Abraão foi o único homem justo de sua geração, e por conseguinte foi escolhido para ser o antecessor do povo escolhido por Deus. A resposta imediata é: "Mas como pôde Abraão guardar a Lei se viveu centenas de anos antes de ter sido dada a Lei?" Os rabinos



aventuravam a estranha teoria de que a cumpriu por intuição ou antecipação. Os rabinos estavam tão apaixonados por sua teoria das obras, que insistiam em que Abraão foi escolhido por suas obras, embora tivessem que sustentar que ele conheceu a Lei com antecipação, embora a Lei ainda não tivesse chegado. Aqui encontramos novamente a ruptura básica entre o legalismo judeu e a fé cristã. O pensamento básico dos judeus era que o homem devia ganhar o favor de Deus. O pensamento básico da cristandade é que o homem nunca pode ganhar o favor de Deus, que tudo o que pode fazer é tomar a Deus pela palavra e arriscar tudo sobre a fé de que as promessas de Deus são certas.

O argumento de Paulo era — e, por certo, Paulo tinha inquestionavelmente razão — que Abraão entrou em uma relação justa com Deus, não porque tivesse feito todo tipo de obras legais, mas sim porque se lançou, tal como era, sobre a promessa de Deus. A maior descoberta da vida cristã é que não precisamos nos torturar com uma batalha perdida para ganhar o amor de Deus, que tudo o que precisamos é aceitar com completa confiança o que Deus nos oferece. Verdade é que, depois disto todo homem de honra está na obrigação de ser merecedor deste amor ao longo de toda sua vida. Mas já não é o criminoso tentando obedecer uma lei impossível; é um amante oferecendo sua totalidade Àquele que o ama quando não é merecedor desse amor.

O PAI DOS FIÉIS – ROMANOS 4:9-12

Para entender esta passagem, devemos entender a importância que os judeus atribuem à circuncisão. Para um judeu, um homem não circuncidado não era literalmente judeu, fosse qual fosse sua parental. A prece judia da circuncisão diz: "Bendito é aquele que santificou a seus amados do ventre e pôs sua ordenança em sua carne, e selou sua prole com o sinal da santa aliança." Os regulamentos rabínicos dizem: "Não comerá da Páscoa a menos que o selo de Abraão esteja em sua carne." Se um gentio aceitava a fé judia, não podia entrar totalmente a ela sem três coisas — batismo, sacrifício e circuncisão. Para o judeu nenhum homem incircunciso era judeu. De maneira que o judeu que objetava ao que Paulo está respondendo todo o tempo, está ainda argumentando na retaguarda. "Suponhamos que admito", diz, "tudo o que diz sobre Abraão e sobre o fato de que foi sua plena confiança o que lhe permitiu estabelecer uma justa relação com Deus, mesmo assim deverá estar de acordo em que Abraão era circuncidado." Paulo tem um argumento incontestável.



A história do chamado de Abraão, e da bênção de Abraão por Deus, está em Gênesis 15:6; a história da circuncisão de Abraão está em Gênesis 17:10 ss. Em realidade não foi Abraão circuncidado até quatorze anos depois que respondeu ao chamado de Deus, e havia já entrado em uma relação única com Deus. A circuncisão não foi a entrada a uma justa relação com Deus, foi só o sinal e o selo de que o homem tinha entrado já nessa relação. Abraão foi considerado justo enquanto ainda era incircunciso. O fato de que foi considerado justo não teve nada que ver com a circuncisão e sim muito que ver com seu ato de fé. Deste indiscutível fato histórico, Paulo tira duas grandes deduções.

(1) Abraão não é o pai daqueles que foram circuncidados, é o pai daqueles que fizeram o mesmo ato de fé em Deus que ele fez. É o pai de todo aquele que, em todos os tempos, toma a Deus pela palavra, como ele o fez. Isto significa que o verdadeiro judeu não é o racialmente judeu e fisicamente circuncidado. O verdadeiro judeu é aquele que crê em Deus como Abraão o fez. A palavra judeu deixou que ser uma palavra que descreve uma nacionalidade para passar a ser uma palavra que descreve uma forma de vida e uma reação para com Deus. Os descendentes de Abraão não são os membros de alguma nação em particular, mas os que em qualquer nação pertencem à família de Deus.

(2) O oposto disto também é verdade. A pessoa pode ser judeu da mais pura linhagem; pode ser circuncidado e, contudo pode não ser descendente de Abraão no verdadeiro sentido. Não tem direito de chamar Abraão seu pai, não tem direito às promessas de Deus, porque não tem feito essa aventura de confiança e fé que fez Abraão. Em um breve parágrafo Paulo fez em pedaços todo o pensamento judeu. Os judeus sempre creram que pelo fato de serem judeus, automaticamente desfrutavam do privilégio da bênção de Deus e a imunidade ao castigo de Deus. A prova de que alguém era judeu era a circuncisão. Alguns rabinos tomavam isto tão literalmente, que em realidade diziam que, se um judeu era tão mau que devia ser condenado por Deus, havia um anjo que se encarregava de anular sua circuncisão, e fazê-lo de novo incircunciso, antes de que o castigo fosse aplicado. Paulo deixou claro o grande princípio de que o caminho para com Deus não consiste em ser membro de uma nação em particular, nem em alguma ordenança que faz uma marca no corpo de um homem; a única forma de chegar a Deus é através da fé que toma a Deus pela palavra, que faz com que tudo dependa, não das realizações ou do histórico de alguém, mas somente da graça de Deus.



IMPORTÂNCIA DA GRAÇA - A GRAÇA É TUDO

Deus fez a Abraão uma grandíssima e maravilhosa promessa. Prometeu-lhe que se tornaria uma grande nação, e que nele seriam benditas todas as famílias da Terra (Gênesis 12:2-3). Na verdade, a terra lhe seria dada em herança. Agora, Abraão recebeu essa promessa por causa de sua fé, e da confiança, e da crença, e da rendição que mostrou Abraão para com Deus. Não porque tivesse acumulado méritos fazendo as obras da Lei. Não foi por nada que ele fez. Foi a generosa resposta da graça de Deus à absoluta fé de Abraão. A promessa, como o diz Paulo, dependia de duas coisas, e só delas — a livre graça de Deus e a perfeita fé de Abraão. Os judeus estavam ainda perguntando: "Como pode um homem entrar em uma correta relação com Deus de maneira que possa herdar sua grande promessa?" Sua resposta era: "Deve obtê-lo vencendo, ganhando, adquirindo méritos aos olhos de Deus fazendo as obras que a lei prescreve." Quer dizer, deve obtê-lo por seu próprio esforço. Agora, Paulo via com absoluta clareza exatamente o que a atitude do judeu tinha feito — tinha destruído completamente a promessa. E o tinha feito por esta razão — ninguém pode cumprir fielmente a Lei; ninguém vive uma vida tão perfeita como para nunca transgredir a Lei; ninguém pode jamais em sua imperfeição, satisfazer a perfeição que é Deus; portanto, se a promessa depender de guardar a Lei, a mesma nunca pode ser cumprida.

Paulo via as coisas em termos de branco ou preto. Via dois únicos caminhos para tentar entrar em uma justa relação com Deus. Por um lado, está a dependência do esforço humano; pelo outro, a dependência da graça divina. **Por um lado está a constante batalha perdida por obedecer uma lei impossível de ser obedecida; pelo outro, a fé que simplesmente toma a Deus pela palavra. Em cada lado havia três coisas:**

(1) De um lado, estava a promessa de Deus. Em grego há duas palavras que significam promessa. Uma é **hyposquesis**, que significa uma promessa sujeita a condições. "Eu prometo fazer isto se você promete fazer aquilo." A outra é **epaggelia**, que significa uma promessa feita pela bondade do coração de alguém, e em forma incondicional. **E é epaggelia a que Paulo usa ao referir-se à promessa de Deus.** É como se dissesse: "Deus é como um pai humano: promete amar a seus filhos, não importa o que eles façam." Na verdade, o amar a alguns o fará feliz, enquanto o amor a outros o entristecerá, mas em ambos os casos seu amor não nos abandonará. Não depende de nosso mérito, mas sim do próprio generoso coração de Deus



(2) Logo está a fé. Fé é a certeza de que Deus é como é. É descansar recostando-nos neste amor do qual o medo está eliminado para sempre.

(3) Logo está a graça. O dom da graça é sempre algo que não se ganhou e não se merece. A verdade é que o homem nunca pode ganhar o amor de Deus. Deve achar sempre sua glória, não no que ele faz por Deus, mas no que Deus tem feito por ele.

(I) Do outro lado está a Lei. Agora, o problema quanto à Lei foi sempre que pode diagnosticar o mal mas não pode efetuar uma cura. A Lei mostra ao homem quando se equivoca, mas não lhe ajuda a evitar equivocarse. Existe na Lei, como Paulo o acentuará mais adiante, certo terrível paradoxo. É próprio da natureza humana que, quando uma coisa está proibida, há uma tendência a fazê-la desejável. "As frutas roubadas são as mais doces." E, portanto, a Lei pode em realidade impulsionar alguém a desejar precisamente o que ela proíbe. O complemento essencial da Lei é o juízo e enquanto o homem viva em uma religião cujo pensamento dominante é a Lei, não poderá ver-se a si mesmo nada mais que como um criminoso condenado, no tribunal da justiça de Deus.

(II) A questão da transgressão. Cada vez que se introduz uma lei, vem a transgressão. Ninguém pode quebrantar uma lei que não existe; e ninguém pode ser condenado por violar uma lei cuja existência ignora. Se introduzirmos uma lei e nos detemos ali, se fizermos da religião somente questão de obedecer a Lei, então a vida consiste em uma longa série de transgressões que esperam ser castigadas.

(3) A Questão da Ira. Pensemos na Lei, pensemos na transgressão e inevitavelmente o próximo pensamento é a ira. Pensemos em Deus em termos da Lei, e não poderemos fazer outra coisa senão pensar em Deus em termos de justiça ultrajada. Pensemos no homem em termos da Lei e não podemos fazer outra coisa senão pensar no homem como destinado a ser condenado por Deus. Assim, Paulo deixa estabelecidos perante os romanos os dois caminhos. Um é o caminho em que o homem busca relacionar-se com Deus por seus próprios esforços. É um caminho que está destinado ao fracasso. O outro é o caminho no qual o homem, em corajosa fé, entra em uma relação com Deus, que pela graça de Deus já existe, e no qual só deve entrar com confiança.



CRER NO DEUS QUE TORNA POSSÍVEL O IMPOSSÍVEL

Romanos 4:18-25

A última passagem termina dizendo que Abraão creu no Deus que chama os nossos à vida e que inclusive cria coisas que não têm existência. Esta declaração transporta os pensamentos de Paulo a outro exemplo sobressalente da vontade de Abraão de crer em Deus, de confiar n'Ele e de tomá-lo pela palavra. A promessa de que todas as famílias da Terra seriam benditas em seus descendentes, foi dada a Abraão quando era um homem velho. Sua mulher, Sara, tinha noventa anos de idade (Gênesis 17:17), e ali surgiu a promessa de que lhes nasceria um filho. Parecia uma promessa além de toda esperança de ser cumprida, por quanto Abraão tinha passado em muito a idade de procriar, e Sara tinha passado em muito a idade de conceber um filho. Entretanto, mais uma vez, Abraão tomou a Deus pela palavra; creu que a promessa de Deus era certa; creu que o que Deus dizia Ele o faria. Mais uma vez, foi esta fé a que foi contada por justiça. Foi esta vontade de tomar a palavra de a Deus pela palavra aquilo que o pôs em uma correta relação com Deus. Os rabinos judeus tinham uma declaração à qual Paulo se refere aqui. Diziam: "O que está escrito de Abraão, está escrito também de seus filhos." Queriam dizer que qualquer promessa que Deus tivesse feito a Abraão, estendia-se também a seus filhos.

A disposição de Abraão de tomar a Deus pela palavra o pôs em uma correta relação com ele, o mesmo deve ser conosco. Não são as obras da Lei, é essa fé confiante a que estabelece a relação que deve existir entre Deus e o homem. A essência da fé de Abraão neste caso era que creu que Deus podia tornar possível o impossível. Se continuamos crendo que tudo depende de nossos esforços, estamos limitados a ser pessimistas, porque a experiência demonstrou a triste verdade de que nossos esforços podem realizar muito pouco. Quando compreendermos que não é nosso esforço, mas a graça e o poder de Deus o que importa, então nos transformaremos em otimistas, porque estamos obrigados a crer que com Deus nada é impossível.





Catedral Presbiteriana do Rio

Rua Silva Jardim, 23 | Centro | RJ

 catedralrio.org.br

 facebook.com/catedralrio

Romanos é, de longe, a mais comentada de todas as epístolas escritas pelo apóstolo Paulo ou a mais estudada de todo o Novo Testamento. O grande reformador Martinho Lutero atribuiu seu renascimento espiritual à leitura dessa carta. Grandes temas da fé cristã como pecado, eleição, justificação, predestinação, relação entre lei e graça, solidariedade da raça e futuro de Israel fazem com que estudiosos se debrucem sobre essa epístola para interpretá-la e aplicá-la aos nossos dias.